



CIBERCULTURA

#cloroquina: a polarização política no Instagram durante a pandemia de coronavírus

#chloroquine: political polarization on Instagram during the coronavirus pandemic

#cloroquina: polarización política en Instagram durante la pandemia de coronavirus

Alisson Gutemberg¹

orcid.org/0000-0002-3968-6690
alissongutemberg.jornalista@gmail.com

Recebido em: 24 set. 2020.

Aprovado em: 1 jun. 2021.

Publicado em: xx xxx xxxx.

Resumo: Nem mesmo a excepcionalidade causada pelo coronavírus tem se mostrado capaz de alterar a crescente circulação de *fake news*. No Brasil, um exemplo disso vem sendo o uso político da cloroquina e seu derivado, a hidroxicloroquina, pelo presidente Jair Bolsonaro, que, mesmo sem comprovação científica, tem defendido a capacidade de prevenção e a cura da COVID-19 através do uso desses medicamentos. Postura essa, inclusive, que tem deslocado o debate sobre a pandemia para o terreno da polarização política. Diante disso, com o objetivo de estudar esse fenômeno, apresenta-se uma análise de cem postagens no Instagram ligadas às *hashtags* #cloroquinasalvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19. Como resultado, em consequência da postura do presidente da República, percebeu-se a politização de um debate que, em tese, deveria ser essencialmente científico.

Palavras-chave: Fake news. Coronavírus. Cloroquina. Hidroxicloroquina. Bolsonaro.

Abstract: The exceptionality caused by the coronavirus has not been has changed the increasing circulation of fake news. In Brazil, an example of this has been the political use of chloroquine and its derivative, hydroxychloroquine, by President Jair Bolsonaro, who, even without scientific evidence, claims the prevention and cure capacity of Covid-19 through the use of these drugs. A position that put the pandemic debate at the heart of political polarization. Therefore, with the aim of studying this aspect this paper proposes the analysis of one hundred Instagram posts linked to the *hashtags* #cloroquinasalvavidas and #cloroquinanãoprevinecovid19. As a consequence of the behavior of the President of the Republic, the results demonstrated the politicization of a debate that, usually, should be essentially scientific.

Keywords: Fake News. Coronavirus. Covid-19. Chloroquine. Jair Bolsonaro.

Resumen: Ni siquiera la excepcionalidad del coronavirus ha alterado la circulación de noticias falsas. En Brasil, un ejemplo de ello ha sido el uso político de la cloroquina y su derivado, la hidroxicloroquina, por parte del presidente Jair Bolsonaro, quien, incluso sin evidencia científica, ha defendido la prevención y la capacidad de curación de Covid-19 por el uso de estos fármacos. Una posición que ha trasladado el debate sobre la pandemia al terreno de la polarización política. Por lo tanto, para estudiar este fenómeno, presenta un análisis de cien publicaciones de Instagram vinculadas a los *hashtags* #cloroquinasalvavidas y #cloroquinanãoprevinecovid19. Con análisis de datos, como resultado de la posición del Presidente de la República, se percibió la politización de un debate que debería ser esencialmente científico.

Palabras clave: Noticias falsas. Coronavirus. Covid-19. Cloroquina. Jair Bolsonaro.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

Introdução

No dia 21 de maio de 2020, Mark Zuckerberg, um dos fundadores e executivo do Facebook, empresa que também administra e detém os direitos do Instagram, citou a exclusão de uma postagem do presidente Jair Bolsonaro, nas duas plataformas de redes sociais, como exemplo de atuação da empresa no combate a informações falsas. Na ocasião, no dia 30 de março do mesmo ano, as duas plataformas removeram uma afirmação do presidente do Brasil de que os cientistas "mostraram" que existia uma cura para o coronavírus. Segundo Zuckerberg, em entrevista à rádio pública britânica BBC, "isso obviamente não é verdade e é por isso que a removemos".²

A situação não é nova. Em 22 de outubro de 2018, por exemplo, o Facebook já havia removido sessenta e oito páginas e quarenta e três contas da rede social, que, juntas, formavam uma importante rede de apoio a Jair Bolsonaro durante as eleições presidenciais. A justificativa, à época, foi a violação das políticas de autenticidade da empresa.³ Diante disso, é possível perceber, por exemplo, que há uma atuação controversa de Bolsonaro, e de sua rede de apoiadores, em plataformas de redes sociais digitais. São controvérsias, nesse caso, que têm perpassado pela questão da autenticidade; seja ela de argumentos, e, ou, de identidades.

Toda essa situação expõe, da mesma forma, uma complexidade que não pode ser renegada: será que o melhor método para combater as *fake news*, que circulam em plataformas de redes sociais, é realmente através do policiamento e da censura? É preciso pensar sobre a questão e buscar saídas para o tema, uma delas, sem dúvida, perpassa pelo melhoramento do nível de esclarecimento da população a médio e longo prazo. Também é importante ressaltar que, apesar desse combate às desinformações, na verdade,

esses sites de redes sociais, do qual fazem parte Facebook e Instagram, também têm exercido um importante papel para a difusão e proliferação de conteúdos falsos (SOUZA, 2019).

Tanto é assim, que, em março de 2018, por exemplo, o mesmo Mark Zuckerberg foi convocado pelo parlamento britânico⁴ para esclarecer sobre o uso ilícito de informações pessoais de usuários do Facebook, por parte da empresa *Cambridge Analytica*, em campanhas massivas de desinformação durante o período que antecedeu o *Brexit*. Vale ressaltar que a mesma *Cambridge Analytica* também foi responsável por coordenar a campanha de Donald Trump à Casa Branca. Assim como o *Brexit*, um outro trabalho reconhecido pelo vazamento de dados sigilosos do Facebook e pelo uso acentuado de *fake News* (SACRAMENTO; PAIVA, 2020)

Diante disso, 2016 tem sido apontado como o início da era da "pós-verdade" (D'ANCONA, 2018); pois, desde então, a questão das *fake news* tem extrapolado o nível técnico da credibilidade jornalística e se tornado uma estratégia política (SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Ainda assim, será que esse é um fenômeno exclusivo dos tempos atuais? A política, por exemplo, há muito mantém uma relação ambígua com a verdade. Desse modo, a questão atual, diante disso, perpassa pela potencialização do fenômeno (D'ANCONA, 2018). Por isso, em 2016, o termo pós-verdade foi escolhido pelo *Oxford Dictionary* como a palavra do ano. Sendo definido, nesse caso, como uma circunstância em que, para a opinião pública, os fatos objetivos detêm importância menor que as emoções e as crenças pessoais, contexto em que os afetos e as emoções, em muitos casos, tornaram-se a base para a definição da própria realidade (D'ANCONA, 2018; SOUZA, 2019; SACRAMENTO; PAIVA, 2020).

No entanto, até que ponto isso difere do que

² Para mais informações ler: ZUCKERBERG cita exclusão de post de Bolsonaro como exemplo que Facebook age contra informações falsas. *In: G1*. [S. l.], 21 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/05/21/zuckerberg-cita-exclusao-de-post-de-bolsonaro-como-exemplo-de-que-facebook-age-contra-informacoes-falsas.ghtml> Acesso em: 15 set. 2020.

³ Para mais informações ler FACEBOOK remove 68 páginas e 43 contas pró-Bolsonaro. *Exame*. [S. l.], 22 out. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/facebook-remove-68-paginas-e-43-contas-pro-bolsonaro>, Acesso em: 15 set. 2020.

⁴ Para mais informações ler: PARLAMENTO britânico convoca Mark Zuckerberg para falar sobre Cambridge Analytica. *IstoÉ*. [S. l.], 20 mar. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/parlamento-britanico-convoca-mark-zuckerberg-para-falar-sobre-cambridge-analytica>. Acesso em: 15 set. 2020.

já ocorria? Por exemplo: no caso do jornalismo, a etapa de seleção dos fatos, ou, até mesmo, o processo de construção das notícias, também não obedeciam, desde sempre, às crenças pessoais? Essas são questões complexas para pensarmos o termo pós-verdade e a sua definição. E a elas respondemos que sim, as crenças pessoais fazem parte da construção da informação, e da percepção da realidade, desde muito antes do contexto contemporâneo. Agora, no entanto, liga-se a isso o descompromisso total com os fatos, o potencial de alcance, e, além disso, a velocidade de difusão de um conjunto de desinformações que acabam por extrapolar as esferas produtoras de conhecimento; ao mesmo tempo em que se observa uma tentativa de enganar, desinformar, inclusive pelo uso de técnicas jornalísticas (RECUERO; GRUZD, 2019). A nosso ver, é justamente esse cenário que tem potencializado o fenômeno, e, conseqüentemente, impactado pilares institucionais importantes da sociedade moderna, como o próprio jornalismo e a ciência.

No que concerne ao primeiro, em específico, como apontado por Souza (2019), a centralidade dessas experiências subjetivas, que tem circulado em um grau muito maior no contexto contemporâneo, tem incidido no enfraquecimento do senso de realidade, e, conseqüentemente, causado a descaracterização do jornalismo como esfera produtora de conhecimentos. Por sua vez, a ciência tem se tornado um jogo de linguagens e o conhecimento, pelo mesmo caminho, um mero artefato discursivo (SOUZA, 2019).

Por conseguinte, o que tem se observado, nesse cenário, é a emergência de uma visão negacionista acerca do conhecimento científico. Uma visão que pode ser percebida, por exemplo, nas campanhas de desinformação promovidas por movimentos antivacinas organizados em grupos com o intuito de difundir conteúdos falsos associados às campanhas de vacinação (D'ANCONA, 2018; SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Quanto a isso, em específico, em janeiro de 2019

a Organização Mundial de Saúde (OMS) divulgou o *13th General Programme of Work* destacando, assim, à época, os dez maiores desafios para o campo. E, entre os problemas listados, na ocasião, encontrava-se a questão da hesitação vacinal (SACRAMENTO; PAIVA, 2020).

Ademais, na oportunidade, segundo Sacramento e Paiva (2020), a própria OMS pressionou o Facebook para que controlasse a circulação das *fake news* antivacinas. E, atualmente, a Organização voltou a demonstrar preocupação com a circulação de desinformação. Dessa vez, contudo, no contexto da pandemia de coronavírus ao declarar que estamos vivenciando uma "infodemia"; caracterizada, basicamente, por uma quantidade excessiva de informações de diferente qualidade e credibilidade. Para lidar com o cenário, a OMS desenvolveu um protocolo com o propósito de conscientizar a população a buscar informações com base científica, ao mesmo tempo em que apresentou aos governos um guia de como atuar. E entre os pontos destacados pela Organização, há, por exemplo, a compreensão de que as informações divulgadas pelos órgãos de Estado devem ser baseadas em dados científicos e provas.⁵

A questão, todavia, é que, entre os próprios cientistas e especialistas, há, em muitos casos, uma controvérsia acerca das formas de lidar com o coronavírus. O campo científico, ainda no início da pandemia, teve muita dificuldade em oferecer um panorama claro sobre como a sociedade e os governos deveriam proceder. E esse desencontro, de certa forma, também facilitou a proliferação de desinformações. Ainda assim, apesar do fato de a ciência não oferecer respostas definitivas sobre o vírus, dada a atualidade do fenômeno, e das próprias contradições que permeiam o fazer científico, é ela a responsável por conduzir pesquisas, estudos, para que a humanidade consiga atravessar essa crise da melhor forma possível.

E é justamente nesse ponto que, no Brasil, a questão do coronavírus apresenta uma particula-

⁵ CHADE, Jamil. Contra desinformação, OMS pede campanhas de governos com base na ciência. In: *Uol*. IS. 1/1, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/16/Contra-desinformacao-oms-pede-campanhas-de-governos-com-base-na-ciencia.htm> Acesso em: 17 set. 2020.

ridade: por aqui, a autoridade máxima do Estado tem adotado um tom de descaso com as diretrizes básicas apontadas pela OMS. Quanto a isso, um caso em particular que tem chamado a nossa atenção é a questão da cloroquina e do seu derivado. Remédios que o presidente da República tem apontado, mesmo sem evidências científicas que atestem o seu ponto de vista, como a cura para a COVID-19.⁶ Por exemplo: entre 17 de março de 2020 (data que marca a primeira morte, em território nacional, decorrente do coronavírus) e 17 de abril do mesmo ano, em sua conta pessoal no Facebook, em dez postagens, de um total de setenta e quatro, o presidente relacionou a cloroquina, e a hidroxiclороquina, com a cura da COVID-19. Isso sem contar os vídeos divulgados durante o período que apareceram sem legendas relacionando o conteúdo com a cloroquina e a hidroxiclороquina. Nesse caso, esses vídeos estão contabilizados no total de setenta e quatro, mas, pela ausência de análise, não foram somados às dez postagens.

Durante o mesmo período, é importante ressaltar, somente no site da *Folha de S.Paulo*, foram divulgados cinco estudos científicos que questionavam a eficácia da cloroquina, e da hidroxiclороquina, para o tratamento da COVID-19.⁷ Por exemplo: ainda em abril de 2020, como foi destacado pela jornalista Mônica Bergamo em uma dessas matérias publicadas na *Folha de S.Paulo*,

um estudo preliminar da Fiocruz e da Fundação de Medicina Tropical demonstrava que a taxa de mortalidade de pacientes que usaram a cloroquina era semelhante à taxa de pacientes que não fizeram o uso do medicamento. Na mesma trilha, dois estudos publicados na revista *Nature*, periódico científico de maior fator de impacto, já em julho do mesmo ano, também mostravam que a cloroquina e o seu derivado, a hidroxiclороquina, não são eficazes no tratamento do coronavírus.⁸

Diante disso, este artigo tem como objetivo apresentar resultados que demonstram um alinhamento entre esse discurso de desinformação do presidente e a sua base eleitoral; ao passo em que a questão científica tem se transformado em uma disputa discursiva política em plataformas de redes sociais. Apresenta-se, assim, uma análise de cem postagens no Instagram ligadas às *hashtags* #cloroquinasalvavidas e #cloroquinãoprevine-covid19 com o intuito de atestar o argumento de politização do tratamento da COVID-19.

Para tal, além da introdução e das considerações finais, este texto está dividido em mais duas partes. No primeiro momento, apresenta-se a noção de *fake news*, suas características e, por fim, discute-se o papel das redes sociais digitais no processo de proliferação do fenômeno. Em seguida, demonstra-se os resultados de um estudo de caso desenvolvido no Instagram, tendo

⁶ De acordo com Roberta D. F.C. Silva e Leandro A. P. Gonçalves (2020), inicialmente, Jair Bolsonaro se apoiou em evidências de pesquisas antigas, feitas *in vitro*, para defender a cloroquina como solução contra a COVID-19. Posteriormente, um estudo realizado na França apontou resultados promissores no uso da hidroxiclороquina, em conjunto com a azitromicina, para o tratamento dos problemas decorrentes do coronavírus. O suficiente para empolgar Donald Trump e Jair Bolsonaro e promover a intensificação da defesa desses remédios como cura. Entretanto, a comunidade científica internacional, desde o início, recebeu essas informações com cautela: o estudo francês não apresentou um grupo de controle em sua metodologia. Ausência essa que anula a associação direta entre o remédio e a melhora de pacientes.

⁷ São eles: 1) _BATISTA, Everton Lopes. Pesquisas com hidroxiclороquina contra coronavírus ainda são preliminares. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/03/pesquisas-com-remedio-contracoronavirus-ainda-sao-preliminares-afirmam-especialistas.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020; 2) _COLLUCCI, Cláudia. Estudo chinês aponta que hidroxiclороquina não é melhor que cuidado usual contra coronavírus. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/03/chineses-concluem-que-hidroxiclороquina-nao-e-melhor-que-cuidado-usual-contracoronavirus.shtml>

Acesso em: 17 set. 2020; 3) BERGAMO, Mônica. Taxa de mortes com cloroquina equivale à de quem não usa, diz estudo preliminar da Fiocruz. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/04/taxa-de-mortes-com-cloroquina-equivale-a-de-quem-nao-usa-diz-estudo-preliminar-da-fiocruz.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020; 4) BERGAMO, Mônica. Cloroquina pode ser prejudicial para pacientes com covid-19, afirmam professores de Oxford e Birmingham. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/04/cloroquina-pode-ser-prejudicial-para-pacientes-com-covid-19-afirmam-professores-de-oxford-e-birmingham.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020; 5) WATANABE, Phillippe. Estudo francês não vê eficácia de hidroxiclороquina em pacientes internados com Covid-19. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/04/estudo-frances-nao-ve-eficacia-de-hidroxiclороquina-em-pacientes-internados-com-covid-19.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

⁸ Para mais informações ler: DOIS novos estudos publicados na "Nature" mostram que a cloroquina e a hidroxiclороquina são ineficazes no combate à Covid-19. *In: G1*. [S. l.], 22 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/22/dois-novos-estudos-publicados-na-nature-mostrar-que-a-cloroquina-e-hidroxiclороquina-e-ineficaz-no-combate-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

como aporte metodológico a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), ao investigar, como dito anteriormente, publicações ligadas às *hashtags* #cloroquinasalvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19.

A escolha dessas *hashtags* antagônicas se deu pelo objetivo de comprovar o argumento de polarização política como consequência da politização de um tema que deveria permanecer ligado à esfera da saúde. Nesse caso, três hipóteses embasaram esta pesquisa: a) ao investigar a *hashtag* #cloroquinasalvavidas serão encontradas publicações majoritariamente ligadas à base política do presidente Jair Bolsonaro; pois, o seu posicionamento mobiliza afetos de sua base eleitoral; b) a análise da *hashtag* #cloroquinanãoprevinecovid19 contém, em sua maioria, publicações contrárias ao presidente, haja vista que, do mesmo modo, a sua postura ativa emoções, sentimentos, em seus opositores; e, por fim, c) consequentemente, em ambos os casos, a questão científica, que, quando se discute a eficácia ou não de um medicamento deveria ser o cerne do debate, aparece em segundo plano quando comparada com o caráter político-partidário das discussões.

1 Fake news, desinformação e redes sociais

Como dito anteriormente, no ano de 2016 o termo pós-verdade foi escolhido, pelo *Oxford Dictionary*, como a palavra do ano (D'ANCONA, 2018; SOUZA, 2019; SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Por sua vez, em 2017, para a editora britânica *Collins*, esse título ficou com a palavra *fake news*: segundo a editora, as menções ao termo tiveram um acréscimo de 365% naquele ano. Além disso, um levantamento realizado pela empresa *BuzzFeed* apontou que as cinquenta notícias falsas que mais geraram engajamento no Facebook, em 2017, alcançaram mais de vinte e três milhões de ações (ALZAMORA; ANDRADE, 2019). Ambos, no entanto, pós-verdade e *fake news*, tratam do mesmo fenômeno. E, o que temos testemunhado, nesse caso, é o avanço da desinformação.

Isso não quer dizer, todavia, que a desinformação é uma invenção recente. Não é isso. Por exemplo: sabe-se que, em diferentes períodos

marcados por conflitos militares, as agências governamentais investiram, ao longo do tempo, na propagação de desinformação (SACRAMENTO; PAIVA, 2020). Além disso, como mencionado anteriormente, a manipulação sempre fez parte da política, assim, o que temos presenciado, na verdade, é a ampliação do fenômeno e não o seu surgimento (D'ANCONA, 2018). Ampliação essa, inclusive, que tem se articulado no contexto das mídias digitais. E, no centro desse avanço, segundo D'Ancona (2018), se encontra o próprio desmoronamento do valor da verdade. Mas, afinal, o que é *fake news*? Além disso, como as redes sociais digitais têm contribuído com a sua expansão?

De modo geral, é possível afirmar que o conceito de *fake news* se refere, como já mencionado, a um processo de desinformação. No entanto, trata-se, nesse caso, como apontado por Recuero e Gruzd (2019), de um aspecto centrado, ao menos, em dois pilares: a) falta de autenticidade e b) propósito de enganar. Assim, por exemplo, boatos e rumores não podem ser classificados desse modo; pois, basicamente, as *fake news* não são apenas conteúdos mal apurados, mas, sim, informações intencionalmente falsas; divulgadas com o intuito de favorecer a grupos e indivíduos (RECUERO; GRUZD, 2019).

Indo um pouco além, ainda na tentativa de definir o conceito, Recuero e Gruzd (2019) também apontam a existência do termo *news* como algo que o liga à ideia de notícia. Assim sendo, é possível compreender *fake news* como a tentativa de enganar, desinformar, pelo uso de técnicas jornalísticas; pois, basicamente, o uso desses recursos confere credibilidade à informação falsa. "As *fake news*, assim, tomariam emprestado do jornalismo, pela emulação de seus padrões de linguagem, a credibilidade e a legitimidade para a narrativa falsa que propagam" (RECUERO; GRUZD, 2019, p. 33). Desse modo, por fim, as autoras (2019) apontam três características cruciais para a definição e compreensão do conceito: a) o uso da narrativa jornalística e dos componentes noticiosos; b) a falsidade total ou parcial da narrativa; e, por fim, c) a intencionalidade de enganar ou criar falsa percepção pela propagação em redes sociais digitais.

Acontece, no entanto, que, no universo *online*, nem sempre as *fake news* aparecem associadas a um conteúdo de cunho noticioso. Por isso, na verdade, trata-se de uma expressão que assume um sentido mais amplo (ALZAMORA; ANDRADE, 2019); um sentido que se liga a qualquer conteúdo publicado a partir de uma premissa totalmente ou parcialmente falsa, e, que, ao mesmo tempo, detém a intencionalidade de enganar ou criar falsa percepção. Nesse caso, um meme, por exemplo, também pode ser apontado como *fake news*. De todo modo, mais do que um mero suporte, os *sites* de redes sociais são o substrato que possibilita a circulação massiva da desinformação. Assim sendo, eles, os sites de redes sociais, também são parte imprescindível do processo.

Toda rede social é definida pelo conjunto de dois elementos: atores e conexões (RECUEIRO, 2014). O primeiro, nesse caso, refere-se às pessoas envolvidas na rede, ou seja, os nós. O segundo, por sua vez, aos processos de interação e constituição dos laços sociais; que, nesse caso, se formam por meio das interações entre os atores. No entanto, nas redes sociais *online*, além do chamado laço social relacional – esse que é fruto da interação entre os atores – há, ainda, o laço associativo. Esse, diz respeito às conexões estabelecidas entre os atores e as instituições, os grupos e as figuras públicas, por exemplo (RECUEIRO, 2014).

Embora diferentes plataformas atuem como suporte para as interações que constituem as redes sociais, elas, as plataformas, não são a rede em si. São, na verdade, os sistemas. Os atores sociais, nesse caso, que utilizam essas ferramentas é que constituem as redes. Redes essas, ademais, que, por conta de suas conexões, detêm ampla capacidade de difusão informacional (RECUEIRO, 2014). Inclusive, uma difusão rápida e interativa. E é justamente essa característica que favorece, entre outras coisas, a circulação das *fake news* dentro dos *sites* de redes sociais. Quanto a isso, segundo Recuero e Gruzd (2019), há dois elementos que atuam diretamente para essa circulação: o primeiro diz respeito ao sistema, trata sobre os algoritmos. O segundo, por sua vez, refere-se

aos atores e à capacidade de decidir o que será visível em sua rede.

De modo geral, esses algoritmos selecionam o que é visto pelos usuários, através de modelos de recomendação, com base em suas ações pessoais e nas da rede formada por suas conexões. Assim, os dados fornecidos pelos atores, através de suas ações na rede, determinam o que é exibido ou recomendado pelo sistema de modo customizado consoante o potencial de agradar o sujeito e atrair a sua atenção (CASTRO, 2019). Trata-se, desse modo, de modelos de curadoria que foram desenvolvidos para lidar com a grande quantidade de dados; pois, atuam na criação de um acesso informacional personalizado. E é justamente essa curadoria que, atualmente, tem sido desenvolvida pelos algoritmos de inteligência artificial. Quanto a isso, um dos efeitos mais debatidos, enquanto consequência desse processo, tem sido a formação de "bolhas" ou "câmara de eco" (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020). Haja vista que, nesse contexto, o *feed* de notícias de cada ator da rede é o resultado de suas próprias interações.

Não se pode negligenciar o papel das gestões dos algoritmos por empresas como Facebook na formação das chamadas bolhas da internet, as quais, a partir de padrões de consumo, de buscas e atividades dos usuários na rede, orientam os conteúdos a serem por eles visualizados e discutidos, reduzindo drasticamente as possibilidades do encontro com perspectivas efetivamente diferentes (FERRAZ; CLAIR, 2019, p. 143).

Conseqüentemente, ao se informar sobre determinado assunto, por exemplo, através dos sites de redes sociais, não é necessariamente a informação correta que o usuário terá acesso, mas, sim, àquela que tem ganhado notoriedade em sua rede. Por isso, esse modelo facilita a circulação das *fake news*. Trata-se, desse modo, de um sistema que beneficia as tendências homofílicas de buscar concordâncias ao mesmo tempo em que se distancia das ideias e dos pensamentos contraditórios (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020). Uma perspectiva que tem reforçado o argumento de que as pessoas tendem a ter contato com outros indivíduos que comungam de gostos e pontos de vista similares

(RECUERO; GRUZD, 2019). E isso, basicamente, tem reforçado teses como a de Maffesoli (2011) acerca de uma “retribalização” do mundo. O efeito, nesse caso, tem sido o enclausuramento dos atores em suas próprias certezas (KAUFMAN; SANTAELLA, 2020). E são essas crenças que levam esses mesmos atores a decidirem o que tornarão visível dentro de suas redes.

O problema é que, segundo Alzamora e Andrade (2019), no caso de uma informação falsa, nem mesmo a constatação de sua falsidade tem se mostrado como um fator suficiente para revisar a crença que lhe sustenta. Por isso, conteúdos falsos ou distorcidos, até mesmo quando verificados e refutados, tendem a manter o potencial de engajamento por meio de uma associação baseada em convicções semelhantes; pois, a mente humana tende a basear-se em crenças que se manifestam através de hábitos de ação simbólicos presos a convenções sociais culturalmente consolidadas (ALZAMORA; ANDRADE, 2019). É o que ocorre, por exemplo, quando se compartilha um conteúdo na rede a partir de uma certeza em comum.

Com isso, é a própria realidade objetiva que tem se perdido em meio à verdade ideológica das crenças pessoais (SOUZA, 2019). E é por essa razão que o fenômeno das *fakes news* tem se mostrado tão complexo e desafiador. Ele envolve afetos, emoções e crenças. Em muitos casos, a certeza de que a informação é confiável, por ter sido compartilhada por um amigo, um familiar, ou mesmo por uma figura pública admirada, potencializa a capacidade de propagação de uma desinformação. E é justamente isso o que tem acontecido com o episódio da cloroquina. No momento em que um presidente eleito com mais de cinquenta e sete milhões de votos apresenta um remédio como cura, imediatamente uma parcela considerável da sociedade absorve o mesmo discurso pela confiança que deposita em seu chefe de Estado. Exatamente o que buscamos demonstrar aqui. Evidentemente que o nosso objetivo, com isso, não é eximir os atores sociais de culpa. O intuito, na verdade, é ressaltar a importância incontestável das opiniões

e das atitudes de um presidente da República perante a sociedade.

Assim, o argumento que defendemos é que há uma circulação no Instagram, mesmo sem a comprovação científica que ateste a sua capacidade de cura, de narrativas que associam remédios como cloroquina e hidroxicloroquina à cura da COVID-19. Do mesmo modo, consequentemente, admite-se que há discursos divergentes ao posicionamento do presidente. Na verdade, nesse caso, trata-se de grupos que refletem diferentes convicções ideológicas e que buscam legitimar discursos políticos alinhados às suas crenças pessoais tendo na figura de Jair Bolsonaro, é importante ressaltar, o centro de consenso ou dissenso.

Por isso, considera-se, ainda que, em ambos os casos, muitas vezes, essas publicações se sustentam muito mais nessas crenças pessoais, ou seja, nas convicções políticas dos agentes envolvidos, do que no embasamento científico. Com o intuito de comprovar essas hipóteses, como já mencionado, foram analisadas cem publicações associadas às *hashtags* #cloroquinasalvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19. Tendo em vista, nesse caso, que, nos sites de redes sociais, como é o caso do Instagram, ao agruparem diferentes experiências e públicos, são as *hashtags* que assumem a função de organizar as narrativas (RECUERO; ZAGO; BASTOS, 2014).

2 Estudo de caso: método, hipóteses, análises e resultados

Ao buscar no Instagram publicações relacionadas com a *hashtag* #cloroquina foram encontradas, entre outras, as *hashtags* #cloroquinasalvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19, as duas maiores em apoio e contestação às ideias do presidente Jair Bolsonaro. Por isso, foram escolhidas como objetos de análise para esta pesquisa. Na primeira delas, segundo contagem do próprio sistema, em 22 de setembro de 2020, havia mais de mil publicações. Na segunda, por sua vez, mais de quinhentos *posts*. Pela impossibilidade, nesse caso, de se trabalhar com todas as postagens disponíveis, optou-se pelas

publicações marcadas, pelo próprio Instagram, como as mais relevantes dentro de cada *hashtag*. Analisando-se, assim, as cinquenta primeiras de cada uma dessas.

Além disso, para se entender melhor quais os sentidos engendrados em cada uma dessas marcações, optou-se, ainda, pelo instrumental metodológico da análise de conteúdo (BARDIN, 2011); para, a partir disso, identificar categorias temáticas. Para tal, o primeiro passo foi a coleta dos dados, sua seleção e respectiva organização. Etapa que, basicamente, Bardin (2011) classifica como pré-análise e exploração. Um processo que se aproxima de um mapeamento e posterior identificação do conteúdo para a construção de sentidos. A partir disso, após a coleta que foi feita na manhã do dia 22 de setembro de 2020, se organizou cada uma das cem publicações dentro de uma categoria temática. A seguir, apresenta-se cada uma delas:

2.1 Coleta e organização dos dados

2.1.1 #cloquinasalvavidas

- a) Exaltação da adoção, em municípios e Estados, da cloroquina ou seu derivado no tratamento da COVID-19 sem apresentar nenhum dado científico que comprove eficácia – treze postagens;
- b) defesa do uso da cloroquina / hidroxiclороquina por parte de órgãos ligados aos conselhos de medicina – três postagens;
- c) imagens relacionadas ao presidente Bolsonaro, e/ou à sua base de apoio, sem qualquer menção textual ou imagética a questões de saúde – treze postagens;
- d) imagens relacionadas ao presidente Bolsonaro, ou seus aliados, com menção ao uso de cloroquina / hidroxiclороquina – quatro postagens
- e) crítica à postura do presidente da República – uma postagem;
- f) envio de recursos financeiros por parte do Governo Federal, para municípios e Estados, visando o combate ao coronavírus – uma postagem;

g) crítica a governadores, prefeitos e jornalistas que fazem oposição ao presidente e às suas ideias – oito postagens;

h) desinformação sobre estudos científicos – duas postagens;

i) desinformação sobre as recomendações da OMS – uma postagem;

j) relação cura e cloroquina/ hidroxiclороquina sem apresentar dados científicos que comprovem a eficácia desses remédios – três postagens;

k) crítica ao ex-ministro Luiz Henrique Mandetta pela defesa do isolamento social – uma postagem.

2.1.2 #cloroquinanãoprevinecovid19

a) Menção a estudos científicos que questionam o uso da cloroquina e de seu derivado – três postagens;

b) crítica à forma como Bolsonaro e seu governo têm conduzido a crise do coronavírus – quinze postagens;

c) crítica ao governo Bolsonaro não relacionada com o tema da saúde – doze postagens;

d) defesa do adiamento do ENEM – uma postagem;

e) crítica ao uso da cloroquina/ hidroxiclороquina sem mencionar estudos científicos – duas postagens;

f) crítica ao fundamentalismo religioso – uma postagem;

g) postagem religiosa – uma postagem;

h) crítica à postura dos apoiadores do governo – três postagens;

i) crítica ao presidente da Câmara dos Deputados por não aceitar processo de impeachment contra o presidente Bolsonaro – três postagens;

j) defesa da manutenção do isolamento social – uma postagem;

k) menção ao esquema de "rachadinha" envolvendo o senador Flávio Bolsonaro – uma postagem;

l) menção à prisão de Steve Bannon – uma postagem;

- m) crítica ao conservadorismo brasileiro – uma postagem;
- n) crítica ao governador de Minas Gerais Romeu Zema – uma postagem;
- o) defesa da Palestina – uma postagem;
- p) menção ao episódio de racismo envolvendo o "entregador Matheus" – uma postagem;
- q) postagem em defesa do uso da cloroquina/ hidroxiclороquina sem apresentar estudos científicos – uma postagem.

Dessa forma, a coleta dos dados, e a sua posterior organização, revelaram que entre as cem postagens estudadas, há um total de vinte e oito diferentes temas organizados, de modo distinto, em cada uma dessas *hashtags*. No caso, onze dentro da *hashtag* #cloroquinasalvavidas e mais dezessete na #cloroquinãoprevinecovid19. Assim, apesar de apresentar um número total de publicações menor (mais de quinhentos enquanto a outra tem mais de mil), dentro do corpus de análise, a *hashtag* #cloroquinãoprevinecovid19 detém uma diversidade temática maior.

2.2 Hipóteses, análises e resultados

Hipótese 1

Ao investigar a *hashtag* #cloroquinasalvavidas, serão encontradas publicações majoritariamente ligadas à base política do presidente Jair Bolsonaro; pois, o seu posicionamento, em defesa da cloroquina/ hidroxiclороquina como solução para a COVID-19, mobiliza afetos de sua base eleitoral.

Análise e resultados

A análise das publicações ligadas à *hashtag* #cloroquinasalvavidas revelou que a recomendação do remédio, por parte dos atores sociais que utilizam o Instagram, está majoritariamente ligada à base política do presidente Jair Bolsonaro. Entre as cinquenta postagens estudadas, foram identificados onze diferentes temas. Entre eles, estão: a) crítica a governadores, prefeitos e jornalistas que fazem oposição ao presidente e às suas ideias; e b) crítica ao ex-ministro Luiz

Henrique Mandetta pela defesa do isolamento social. Sendo que, entre os onze temas identificados, apenas um deles, em uma única postagem, assume um tom de contestação.

Dessa forma, no universo de análise apontado, dentro da *hashtag* #cloroquinasalvavidas, apenas 2% das publicações assumem um tom contrário à postura do presidente. Por outro lado, a maioria dessas publicações versam sobre dois aspectos: a) exaltação da adoção, em municípios e Estados, da cloroquina ou seu derivado no tratamento da COVID-19 sem apresentar nenhum dado científico que comprove eficácia; e b) imagens relacionadas ao presidente Bolsonaro, e/ou à sua base de apoio, sem qualquer menção textual ou imagética a questões de saúde. Cada um desses tópicos, no caso, apresentou treze postagens. Os dois juntos, dessa forma, em um total de cinquenta, representam um percentual de 52%. Sendo assim, a hipótese foi comprovada.

Hipótese 2

Ao investigar a *hashtag* #cloroquinãoprevinecovid19 serão encontradas, em sua maioria, publicações contrárias ao presidente. Haja vista que, a sua defesa efusiva da cloroquina/ hidroxiclороquina como solução para a COVID-19, ativa emoções, sentimentos, em seus opositores.

Análise e resultados

A análise das publicações ligadas à *hashtag* #cloroquinãoprevinecovid19 revelou que a recusa do remédio como eficiente na cura da COVID-19, por parte dos atores sociais que utilizam o Instagram, está majoritariamente ligada a grupos de oposição política ao presidente Jair Bolsonaro. Entre as cinquenta postagens estudadas, foram identificados dezessete diferentes temas. Sendo que, apenas um deles, em uma única postagem, assume um tom de defesa do medicamento. No entanto, ainda assim, a postagem não faz nenhuma menção ao presidente.

Todas as outras quarenta e nove postagens tratam de temas ligados à oposição, entre esses temas encontra-se, por exemplo: a) defesa do adiamento do ENEM; b) defesa da Palestina; c)

menção à prisão de Steve Bannon; d) menção ao esquema de "rachadinha" envolvendo o senador Flávio Bolsonaro; e e) crítica ao presidente da Câmara dos Deputados por não ter aceito os processos que pediam o *impeachment* do presidente Bolsonaro, entre outros. Além disso, os dois recortes temáticos que mais apareceram foram: a) crítica à forma como Bolsonaro e seu governo têm conduzido a crise do coronavírus; e b) crítica ao governo Bolsonaro não relacionada com o tema da saúde. Juntos, os dois aparecem em vinte e sete postagens, em um total de cinquenta, o que representa um percentual de 54%. Sendo assim, a hipótese foi comprovada.

Hipótese 3

Como consequência da postura do presidente Jair Bolsonaro, o conteúdo analisado nas duas *hashtags*, #cloroquinasalvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19, revela que o debate científico foi deixado de lado em detrimento do caráter político que tem permeado as discussões.

Análise e resultados

A análise das publicações ligadas às duas *hashtag* #cloroquinasalvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19 revelou que, em um total de cem postagens, apenas dez fizeram algum tipo de menção a questões científicas. Nesse caso, seis no primeiro grupo e quatro no segundo. Com relação às seis postagens pertencentes à *hashtag* #cloroquinasalvavidas, três delas abordam a recomendação da cloroquina/ hidroxicloroquina para o tratamento da COVID-19 por parte de conselhos de medicina. No entanto, quando se pesquisa sobre o tema encontra-se, por exemplo, no site do Conselho Federal de Medicina, uma publicação que estabelece critérios e condições para a prescrição da cloroquina e da hidroxicloroquina; sob a alegação de que não há evidências sólidas que atestem a eficácia desses remédios.⁹

Além disso, duas postagens apresentam desin-

formação acerca de um estudo científico publicado na revista *The Lancet*. As duas publicações em questão compartilham a imagem de uma matéria de um jornal impresso com o título "Cientistas pedem desculpas pelo erro". Acompanha a matéria, ainda, uma caixa da hidroxicloroquina. Na verdade, o erro ao qual a matéria se refere diz respeito ao fato de as análises do estudo em questão apresentar um banco de dados reduzido. Por outro lado, as duas publicações dão a entender que o erro da revista havia sido questionar a eficácia da hidroxicloroquina, quando, na verdade, ela é eficaz. O que é mentira.

Há, ainda, uma publicação que cita uma fala de Maria Van Kerkhove, chefe da unidade de doenças emergentes da OMS, sobre o risco de transmissão do coronavírus ser baixo por parte dos indivíduos assintomáticos. Uma tentativa, nesse caso, de justificar a postura do presidente Bolsonaro de crítica às medidas de isolamento social. Na mesma declaração, todavia, é omitido o trecho em que a mesma Kerkhove reforça a necessidade de mais pesquisas e dados para responder verdadeiramente à questão.¹⁰

Por outro lado, na *hashtag* #cloroquinanãoprevinecovid19, entre as quatro publicações que fizeram algum tipo de menção a aspectos científicos, todas elas citaram a falta de comprovação acerca da eficácia desses remédios. Em três delas, inclusive, aponta-se estudos específicos: um publicado na *Nature*, outro na *The Lancet* e um estudo conduzido pela Fiocruz. Por sua vez, a última dessas postagens menciona estudos científicos, mas, ao mesmo tempo, não aponta nenhum em específico. Assim, quando se analisa o percentual de menções científicas, em cada uma dessas *hashtags*, chega-se aos números de 12% na *hashtag* #cloroquinasalvavidas e 8% na *hashtag* #cloroquinanãoprevinecovid19. Contudo, apesar de apresentar um percentual mais baixo, o segundo grupo, quando o assunto é pesquisa

⁹ CFM condiciona uso de cloroquina e hidroxicloroquina a critério médico e consentimento do paciente. In: **Portal CFM**. [S. l.], 23 abr. 2020. Disponível em: https://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28672:2020-04-23-13-08-36&catid=3. Acesso em: 23 set. 2020.

¹⁰ Para mais informações ler: DISSEMINAÇÃO assintomática do coronavírus é "muito rara", diz OMS. In: **Uol**. [S. l.], 8 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/08/disseminacao-assintomatica-do-coronavirus-e-muito-rara-diz-oms.htm>. Acesso em: 23 set. 2020.

científica, contém informações mais confiáveis.

Por fim, quando se analisa o percentual das menções científicas no universo global da pesquisa se chega ao número de 10%. Desse modo, em todos os cenários os dados demonstraram que a ciência não está no centro do debate. Ao mesmo tempo, revela-se a centralidade do discurso político: quando se observa os temas que apareceram atrelados à discussão – crítica a governadores, prefeitos e jornalistas que fazem oposição ao presidente e às suas ideias; crítica ao ex-ministro Luiz Henrique Mandetta pela defesa do isolamento social; exaltação da cloroquina/ hidroxiclороquina sem comprovação científica; crítica ao presidente da Câmara; crítica ao conservadorismo e menções a Steve Bannon e Flávio Bolsonaro – isso fica muito claro. Sendo assim, a hipótese foi comprovada.

Considerações finais

Com o intuito de comprovar o argumento de politização do tratamento da COVID-19 – como consequência da postura do presidente Jair Bolsonaro, que, mesmo sem comprovação científica que ateste a eficácia, tem defendido a capacidade de cura e prevenção do coronavírus através do uso da cloroquina/ hidroxiclороquina – este artigo realizou a análise de cem postagens, publicadas no Instagram, ligadas às *hashtags* #cloroquina-salvavidas e #cloroquinanãoprevinecovid19.

Além disso, para embasar a discussão aqui levantada, apresentou-se o conceito de *fake news*, a relação com os sites de redes sociais e, também, a sua popularização e consequente ameaça para importantes pilares do mundo moderno. Quanto a isso, citou-se, aqui, o jornalismo e a ciência. A partir desse último, se debateu o perigo e as consequências das *fake news* no contexto da pandemia de coronavírus. Apon-tando, desse modo, o exemplo da cloroquina/ hidroxiclороquina e o papel do presidente, em uma relação que envolve afetos, convicções e crenças políticas, para a propagação das *fake news* que têm apresentado esses remédios como solução para a COVID-19.

Três hipóteses embasaram o estudo: a) a ideia

de que ao investigar a *hashtag* #cloroquinasalvavidas serão encontradas publicações majoritariamente ligadas à base política do presidente Jair Bolsonaro; haja vista que, de modo geral, o posicionamento do presidente mobiliza afetos de sua base eleitoral; b) a compressão de que a análise da *hashtag* #cloroquinanãoprevinecovid19 contém, em sua maioria, publicações contrárias ao presidente; pois, do mesmo modo, a sua postura ativa emoções, sentimentos, em seus opositores; e, por fim, c) o entendimento de que, conseqüentemente, em ambos os casos, a questão científica aparece em segundo plano quando comparada com o caráter político-partidário das discussões. Com os dados analisados, as três hipóteses foram comprovadas.

Por fim, é importante ressaltar, a escolha da discussão da pandemia sob o ponto de vista científico não quer dizer que o contexto atual se limite à discussão epidemiológica. Por exemplo, aspectos econômicos, sociais e políticos, para além da discussão partidária, também são elementos importantes do contexto atual. No entanto, foi o objetivo proposto pelo trabalho que definiu o seu direcionamento. Além disso, não quer dizer também que a ciência seja encarada aqui como um campo perfeito, sem contradições e erros. Ainda assim, a verdade, como já destacado anteriormente, é que reconhecemos na ciência a legitimidade para conduzir pesquisas, estudos, na busca por respostas e soluções para o contexto atual de crise.

Referências

- ALZAMORA, Geane Carvalho; ANDRADE, Luciana. A dinâmica transmidia de fake news conforme a concepção pragmática de verdade. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 109-131, jan./abr. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p109-131>
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BATISTA, Everton Lopes. Pesquisas com hidroxiclороquina contra coronavírus ainda são preliminares. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/03/pesquisas-com-remedio-contra-coronavirus-ainda-sao-preliminares-afirmam-especialistas.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

BERGAMO, Mônica. Taxa de mortes com cloroquina equivale à de quem não usa, diz estudo preliminar da Fiocruz. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/04/taxa-de-mortes-com-cloroquina-equivale-a-de-quem-nao-usa-diz-estudo-preliminar-da-fiocruz.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

BERGAMO, Mônica. Cloroquina pode ser prejudicial para pacientes com covid-19, afirmam professores de Oxford e Birmingham. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/04/cloroquina-pode-ser-prejudicial-para-pacientes-com-covid-19-afirmam-professores-de-oxford-e-birmingham.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

CASTRO, Julio Cesar Lemes de. Plataformas algorítmicas: interpelação, perfilamento e performatividade. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 26, n. 3, p. 1-24, set./dez. 2019. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33723>

CFM condiciona uso de cloroquina e hidroxicroquina a critério médico e consentimento do paciente. *In: Portal CFM*. [S. l.], 23 abr. 2020. Disponível em: https://portal.cfm.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=28672:2020-04-23-13-08-36&catid=3. Acesso em: 23 set. 2020.

CHADE, Jamil. Contra desinformação, OMS pede campanhas de governos com base na ciência. *In: Uol*. [S. l.], 16 abr. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2020/04/16/contra-desinformacao-oms-pede-campanhas-de-governos-com-base-na-ciencia.htm>. Acesso em: 17 set. 2020.

COLLUCCI, Cláudia. Estudo chinês aponta que hidroxicroquina não é melhor que cuidado usual contra coronavírus. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/clarucia/2020/03/chineses-concluem-que-hidroxicroquina-nao-e-melhor-que-cuidado-usual-contracoronavirus.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DISSEMINAÇÃO assintomática do coronavírus é "muito rara", diz OMS. *In: Uol*. [S. l.], 8 jun. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/06/08/disseminacao-assintomatica-do-coronavirus-e-muito-rara-diz-oms.htm>. Acesso em: 23 set. 2020.

DOIS novos estudos publicados na "Nature" mostram que a cloroquina e a hidroxicroquina são ineficazes no combate à Covid-19. *In: G1* [S. l.], 22 jul. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/22/dois-novos-estudos-publicados-na-nature-mostram-que-a-cloroquina-e-hidroxicroquina-e-ineficaz-no-combate-a-covid-19.ghtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

FACEBOOK remove 68 páginas e 43 contas pró-Bolsonaro. **Exame**, 22 out. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/facebook-remove-68-paginas-e-43-contas-pro-bolsonaro>. Acesso em: 15 set. 2020.

FERRAZ, Maria Cristina Franco; CLAIR, Ericson Saint. Por uma genealogia do ódio online: contágio, viralização e ressentimento. **Matrizes**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 133-147, jan./abr. 2019. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v13i1p133-147>

KAUFMAN, Dora; SANTAELLA, Lucia. O papel dos algoritmos de inteligência artificial nas redes sociais. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-10, jan./dez. 2020. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2020.1.34074>

MAFFESOLI, Michel. **A transfiguração do político**: a tribalização do mundo. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PARLAMENTO britânico convoca Mark Zuckerberg para falar sobre Cambridge Analytica. **IstoÉ**, [S. l.], 20 mar. 2018. Disponível em: <https://istoe.com.br/parlamento-britanico-convoca-mark-zuckerberg-para-falar-sobre-cambridge-analytica>. Acesso em: 15 set. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel; ZAGO, Gabriela; BASTOS, Marco Toledo. O discurso dos #ProtestosBR: análise de conteúdo do Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 28, p. 199-216, dez. 2014. <https://doi.org/10.1590/1982-25542014217911>

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatolij. Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, n. 41, p. 31-47, maio/ago. 2019. <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/39035>

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 79-106, jan./abr. 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106>

SILVA, Roberta. D. F. C.; GONGALVES, Leandro A. P. As pilulas do Messias: salvação, negação e política de morte em tempos de pandemia. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2020. <https://www.scielo.br/pdf/physis/v30n2/0103-7331-physis-30-02-e300208.pdf>

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. "Fake news", pós-verdade e sociedade do capital: o irracionalismo como motor da desinformação jornalística. **Revista Famecos**, Porto Alegre v. 26, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2019. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33105>

WATANABE, Phillippe. Estudo francês não vê eficácia de hidroxicroquina em pacientes internados com Covid-19. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/clarucia/2020/04/estudo-frances-nao-ve-eficacia-de-hidroxicroquina-em-pacientes-internados-com-covid-19.shtml>. Acesso em: 17 set. 2020.

ZUCKERBERG cita exclusão de post de Bolsonaro como exemplo que Facebook age contra informações falsas. *In: G1*. [S. l.], 21 maio 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/05/21/zuckerberg-cita-exclusao-de-post-de-bolsonaro-como-exemplo-de-que-facebook-age-contrainformacoes-falsas.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2020.

Alisson Gutemberg

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil

Endereço para correspondência

Alisson Gutemberg
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Av. Senador Salgado Filho, 3000
Lagoa Nova, 59152-600
Natal, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.